

Calíope

PROGRAMA e TEXTO – TOURNÉE FRANÇA 2005:

Música das Minas Gerais e do Rio de Janeiro

Ofício e Missa de Defuntos

José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita

(Minas Gerais 1746? - Rio de Janeiro 1805)

solistas, coro, órgão e violoncelo

Pange Língua

Bento Pereira

(Minas Gerais século XVIII)

a capella

Modinhas Brasileiras do século XVIII

Ganinha, minha Ganinha

Quem ama para agravar

Eu estando bem juntinho

É delícia ter amor

Anônimo

Beijo a mão que me condena

José Maurício Nunes Garcia

(1767 - 1830)

voz e violão

Motetos para a Semana Santa:

Gradual para Domingo de Ramos

In Monte Oliveti

Domine tu mihi lavas pedes

Judas Mercator Pessimus

Sepulto Domino

José Maurício Nunes Garcia

(1767 - 1830)

Matinas de Natal

José Maurício Nunes Garcia

(1767 - 1830)

solistas, coro, violoncelo e órgão

Calíope

Regência: Julio Moretzsohn

Convidado especial: Paulo Mestre **contratenor**

Sopranos:

Adriana Rodrigues

Ana Flavia Albuquerque

Doriana Mendes (**solo**)

Helen Heinzle

Laila Oazem

Mezzos:

Ana Madalena Nery

Denize Vieira

Natália Decotelli Ballesteros

Tenores:

Fernando Maciel de Moura

Geilson Santos (**solo**)

José Mirabeau (violão)

Marcelo Sader

Rivelino Aquino

Barítonos:

Antônio Guapiassú (violão)

Daniel Albuquerque (violão)

Ezequiel Decotelli

Fabício Claussen (**solo**)

Rafael Thomas

Órgão Positivo: Rita Cabus

Violoncelo: Marcelo Salles

A música brasileira composta no período colonial, teve entre seus mais importantes pólos geradores: a capitania de Minas Gerais que, a partir do início do século XVIII, foi impulsionada pela extração do ouro e de diamantes e a cidade do Rio de Janeiro, que apesar de ter sido fundada em 1565, somente em 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa ganha, verdadeiramente, um impulso cultural.

No programa do Conjunto Calíope estão obras de dois importantes representantes da música deste período, J. J. Emerico Lobo de Mesquita, que nasceu em Minas Gerais em meados do século XVIII na cidade do Serro - próximo a Diamantina - e faleceu no Rio de Janeiro em 1805, e José Maurício Nunes Garcia, que nasceu em 1767 e faleceu em 1830 no Rio de Janeiro. Ambos são compositores mulatos, descendentes da mistura racial que se estabeleceu entre os portugueses e os escravos de origem africana. A grande maioria dos músicos deste período pertence a esta classe social intermediária de profissionais liberais.

Lobo de Mesquita, que no, ano de 2005, completa 200 anos de morte, tem sido considerado por diversos musicólogos, como o mais importante compositor da escola mineira. Suas obras foram conservadas em diversos arquivos de manuscritos musicais, não apenas em Minas Gerais, mas também nos estados de São Paulo, Goiás e Rio de Janeiro, atestando o grande reconhecimento de sua obra no período. Para este concerto editamos o Ofício e Missa de Defuntos para 4 vozes e órgão, a partir de manuscritos autógrafos e cópias do início do século XIX. Esta é uma obra que pertence a uma tradição que se estabeleceu no Brasil desde o século XVI, onde a preocupação com a pompa fúnebre, incluía a especificação, em testamento, do tipo de solenidade que se desejava para os funerais.

Ainda de Minas Gerais apresentaremos um Miserere para coro a 4 vozes e violoncelo obbligato, de autor anônimo e um Pange Língua, para coro a capela, de Bento Pereira, que provavelmente foi o mestre de capela da Comarca e da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará em meados do século XVIII.

Em seguida apresentaremos uma parte da produção profana do período, quatro modinhas anônimas e uma de José Maurício Nunes Garcia. Teria sido no final do século XVIII que a música produzida na colônia brasileira foi adquirindo feições próprias, chegando mesmo a possuir uma personalidade inconfundível: a “modinha brasileira”. Este termo viria a substituir o termo “moda”, usado em Portugal, que designava qualquer canção de fundo lírico a uma ou duas vozes. Enquanto que, no início do século XIX, em Portugal, o gênero foi desaparecendo lentamente, no Brasil tornou-se um verdadeiro meio de expressão, sendo considerada, juntamente com o “lundu” como uma das principais raízes da música brasileira.

Fechamos nosso programa com as obras sacras de Nunes Garcia, considerado o mais importante compositor brasileiro no período colonial. As primeiras peças selecionadas deste compositor destinam-se ao ciclo litúrgico da Semana Santa e em seguida, apresentaremos as Matinas do Natal, compostas em 1799, para o último Natal do século XVIII, e que expressam o mais puro o estilo composicional de José Maurício: a simplicidade envolta em graça e recolhimento, unida à manifestação espontânea brasilidade deste Padre que também compunha “modinhas”.